

Café com a Morte: O diálogo da Logoterapia com o processo do morrer

Coffee with Death: The dialogue between Logotherapy and the process of dying

Letícia Stéfane Carneiro Gomes
Ilino Izídio da Costa

Resumo

Refletir sobre a morte, em tempos que tendem a evitá-la, é um convite à autenticidade e ao reencontro com o sentido da vida. Este artigo propõe uma reflexão fundamentada na Logoterapia e na Análise Existencial de Viktor Frankl, centrando-se na maneira como essa abordagem pode oferecer recursos para o enfrentamento consciente do processo de morrer. Através de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório e bibliográfico, são analisadas obras de Frankl e de autores contemporâneos que discutem o tema. Observa-se que a aproximação com a finitude, quando mediada por uma visão logoterapêutica, pode ampliar a consciência existencial e fortalecer a vivência de sentido mesmo diante do sofrimento inevitável. A proposta do Café com a Morte emerge como espaço simbólico e dialógico, onde é possível cultivar uma relação mais humana e realista com a própria mortalidade, como parte integrante da existência. Conclui-se que a Logoterapia oferece ferramentas valiosas para acompanhar o ser humano em sua travessia final, promovendo um reencontro com o sentido da vida até seu último instante.

Palavras-chave: Logoterapia; morte; análise existencial; finitude; psicologia clínica.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CC BY nc 4.0.

ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2025; vol14 (1): 141-167

Published Online
22 de julho de 2025

<https://doi.org/10.37067/rpfc.v14i1.1205>

Letícia Stéfane Carneiro Gomes
Psicóloga, Mestranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB).
Contato: leticia.scg23@gmail.com

Ilino Izídio da Costa
Psicólogo. Doutor. Pesquisador - Orientador do Programa de Pós Graduação de Psicologia Clínica e Cultura na UnB. Pós-Doutor (USP, UFRN, UCB, Lisboa).
Contato: ilenoc@gmail.com

Café com a Morte: O diálogo da Logoterapia com o processo do morrer

Coffee with Death: The dialogue between Logotherapy and the process of dying

Letícia Stéfane Carneiro Gomes
Ilêno Izídio da Costa

Abstract

Reflecting on death, in times that tend to avoid it, is an invitation to authenticity and to rediscover the meaning of life. This article proposes a reflection based on Logotherapy and Viktor Frankl's Existential Analysis, focusing on how this approach can offer resources for consciously facing the process of dying. Through qualitative, exploratory and bibliographic research, works by Frankl and contemporary authors who discuss the topic are analyzed. It is observed that the approach to finitude, when mediated by a logotherapeutic vision, can expand existential awareness and strengthen the experience of meaning even in the face of inevitable suffering. The proposal of Coffee with Death emerges as a symbolic and dialogical space, where it is possible to cultivate a more human and realistic relationship with one's own mortality, as an integral part of existence. It is concluded that Logotherapy offers valuable tools to accompany human beings in their final journey, promoting a rediscovery of the meaning of life until their last moment.

Keywords: Logotherapy; death; existential analysis; finitude; clinical psychology.

Publicado pela Sociedade Brasileira Psicopatologia Fenômeno-Estrutural (SBPFE)

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licençaCC BY nc 4.0.

ARTIGO



Psicopatol. Fenomenol. Contemp.
2025; vol14 (1): 141-167

Published Online

22 de julho de 2025

<https://doi.org/10.37067/rpfc.v14i1.1205>

Letícia Stéfane Carneiro Gomes
Psicóloga, Mestranda do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) pela Universidade de Brasília (UnB).
Contato: leticia.scg23@gmail.com

Ilêno Izídio da Costa
Psicólogo. Doutor. Pesquisador - Orientador do Programa de Pós Graduação de Psicologia Clínica e Cultura na UnB. Pós-Doutor (USP, UFRN, UCB, Lisboa).
Contato: ilenoc@gmail.com

Introdução

O estudo lida com matéria demasiada densa, não no sentido fastidioso do acúmulo, mas no peso de carregar, sem véus ou couraças, aquilo que é inegociável: a morte. À primeira vista, a proposta de um “café com a morte” pode parecer irreverente ou até mórbida. Mas, ao olhar com mais atenção, revela-se como um convite sério, sereno e simbólico. Por trás do epíteto desconcertante, há uma travessia: não rumo ao esvaziamento do espírito, mas ao seu despertar. Não se trata aqui de discursos vazios ou falsas promessas de alívio. Trata-se de presença, de sentido e de liberdade, até o fim.

Ora, não há como negar o avanço do materialismo e do niilismo nos tempos atuais, uma era em que o efêmero é elevado à categoria de absoluto, e o apego ao que é passageiro sufoca a busca por sentido e por valores duradouros. Nesse vazio deixado pela descrença em qualquer propósito maior, floresce uma apatia disfarçada de liberdade, ou melhor, uma libertinagem existencial, uma entrega ao imediato, aos prazeres superficiais e descompassados – que envolvem, mas não sustentam, e acabam por resultar em frustração, desconexão, vazio existencial e torpor da alma.

Afinal, o que é material é justamente o primeiro a se desfazer diante do menor sopro da realidade ou da autorrealização, revelando sua fragilidade diante das necessidades mais profundas da alma humana. Talvez seja ao reconhecer a finitude, não como ruína, mas como revelação, que o verdadeiro valor da vida se torne mais nítido.

Deve-se lembrar de algo fundamental: *memento mori*. Lembrar-se da morte é, paradoxalmente, a mais viva lembrança. O sofrimento, a angústia, a finitude, tudo se opera progressivamente no cenário do existir, como um sínodo interior entre o que se foi e o que se tornará à medida que se aproxima do crepúsculo da existência. Ainda com o fim, há beleza na criança que descobre o mundo, no adulto que o constrói e no idoso que o contempla. Há beleza no dia que se encerra, na madeira que queima, na onda que morre na praia. A finitude, longe de ser uma inimiga, pode ser a artesã do sentido.

A vida humana é entremeada por três realidades inevitáveis: o nascer, o viver e o morrer (Koenig e Teixeira, 2022). Mas, se os dois primeiros são celebrados, o último é frequentemente silenciado. No entanto, é justamente a consciência da morte que pode reencontrar o sentido da vida. A Logoterapia, abordagem existencial desenvolvida por Viktor Frankl, oferece caminhos para essa travessia, não anestesiando a dor, mas

escutando-a. Seu fundamento está na liberdade interior e na capacidade de atribuir sentido, mesmo nas circunstâncias mais duras e irreversíveis.

Em vez de fórmulas prontas ou placebos verbais, essa abordagem ergue um dique sereno contra o niilismo, sustentando-se na escuta genuína, na presença silenciosa e na liberdade de atribuir sentido, mesmo no ocaso da vida. O que era atroz e temor torna-se, pouco a pouco, compreensão; o controle ilusório cede lugar a uma aceitação providente. À luz da palavra acolhida, o sofrimento não desaparece, mas se humaniza. Afinal, o que é a morte senão o epílogo inevitável de uma história escrita em cada escolha?

A Logoterapia, alicerçada na fenomenologia, como destacado por Junger (2021), parte de um princípio fundamental: ser humano é ser consciente e, acima de tudo, responsável. Não se trata de uma responsabilidade moralista ou imediatista, mas existencial: uma resposta pessoal ao chamado de ser no mundo. O logoterapeuta, como afirma Elisabeth Lukas (1989), oferece ajuda sem retirar do outro a liberdade de responder ao seu destino. Seu papel não é o de fornecer respostas prontas, mas o de sustentar, com presença e autenticidade, o espaço onde essa resposta possa emergir. Não há fórmulas ou prognósticos, mas se necessita de presença, escuta, e talvez, até mesmo, um último café ao lado da cama de alguém que parte.

O presente artigo fala desse terreno delicado, investigando como a Logoterapia contribui para se dialogar com a morte – não como sentença final, mas oferecendo recursos para que o ser humano, mesmo no fim, permaneça agente de sua existência. Tal como folhas que se desprendem no outono, encerrando seu ciclo com leveza, o ser humano pode, mesmo nos estertores do corpo, entrever uma centelha de sentido que resista à erosão do tempo, tornando sua partida mais leve. O “café com a morte” não pretende sepultar a esperança, mas revivê-la, ainda que em seus tons mais tênues, como quem demora a saborear, no silêncio do entardecer, o último gole de um bom café. A morte, então, deixa de ser um muro e passa a ser uma porta.

Finitude, mito e sentido: o tempo último da existência

A morte, em sua natureza evitada e misteriosa, traz não apenas o temor do fim, senão a potência de um chamado: um convite à reflexão sobre o que significa existir, amar, sofrer e transcender. Seja sua proximidade devido à velhice, seja por doença, esse período envolve sentimentos complexos e pode vir a fazer o homem voltar-se para si. Para Frankl (2019a), a duração da vida não determina seu sentido: uma existência breve pode ser

profundamente significativa, enquanto uma vida longa pode carecer de propósito. Sem a morte, a vida, sendo infinita, perderia seu diferencial.

No mito de Perséfone, exposto por Soares & Wong (s/d), a filha de Zeus é levada ao submundo por Hades, onde se torna sua rainha e passa parte do ano. Contudo, retorna ciclicamente à superfície. Trata-se de um poderoso conto que revela, com profundidade simbólica, a íntima tessitura entre vida e morte, não como polos antagônicos, mas como faces de um mesmo ciclo contínuo e inseparável – um ciclo em que morte e vida se entrelaçam.

O tempo de Perséfone no Hades representa o inverno, estação de recolhimento, em que a natureza se recolhe em silêncio, e aparente morte. Sua ascensão à superfície marca a primavera, trazendo consigo o florescimento e a renovação da vida. Assim como Perséfone, os seres humanos também vivenciam períodos de perda, introspecção e a própria morte, que muitas vezes precedem novos começos, renascimentos, e muitas vezes o fim.

O mito aponta para a necessidade de se aceitar a morte como parte intrínseca à existência, promovendo uma compreensão mais profunda do ciclo da vida. Esse ciclo, embora inevitável, pode ser encarado com maior aceitação e entendimento – podendo-se assim diminuir o sofrimento, que é evitável, para se passar da melhor maneira possível por aquele que é inevitável. Conforme elucidado por Frankl (2008), sempre e em toda parte, a pessoa humana está colocada diante da decisão de transformar sua situação de mero sofrimento numa transfiguração interior de valores.

A finitude confere valor às experiências humanas da mesma forma que as estações do ano realçam a beleza da transitoriedade. A primavera, com seus novos começos, simboliza o crescimento e a renovação. O verão traz a plenitude e o vigor. O outono é o tempo de reflexão e preparo para a transformação. O inverno, por sua vez, representa o repouso e o fim do ciclo. Assim como as estações enriquecem a vida com suas mudanças, como proposto por Frankl (2022), a consciência da mortalidade intensifica a apreciação dos momentos presentes e das conexões humanas.

Transformar a relação com a finitude é possível quando se concebe a morte como uma presença próxima, quase uma companheira à mesa, com quem se dialoga sobre os dias vividos, os amores sentidos, os desafios superados. Não se trata de doutrina, mas de escuta. Escuta sem pressa, sem pretensão, como quem se senta aos pés de quem se despede e, calado, recolhe as palavras que ainda restam, e que, não raro, contêm a

essência do vivido.

Metodologicamente, este é um estudo qualitativo, por se tratar de artigo de discussão teórica. A abordagem adotada é analítica e interpretativa das fontes teóricas relevantes, fundamentada em uma postura fenomenológica. Essa postura, como destaca Mano (2010), busca alcançar “as coisas mesmas”, desvinculando-se de preconceitos para atingir o ponto mais essencial do objeto estudado, isto é, compreender o indivíduo tal como ele é. A Fenomenologia amplia o conceito de experiência ao incluir, de maneira central, a subjetividade que permeia os fenômenos.

A Fenomenologia, conforme Costa & Ramos (2018), considera o ser humano em sua totalidade, destacando a subjetividade essencial expressa por meio da consciência intencional. Para o fenomenólogo, a tarefa é acessar a essência do fenômeno (Mano, 2010). A ênfase da pesquisa fenomenológica recai sobre a exploração das dimensões subjetivas e existenciais das vivências, compreendendo como o ser humano atribui significado às suas experiências. Como argumenta Stanghellini (2012), a suspensão de julgamentos clínicos e racionais permite ver o paciente não apenas como portador de uma condição, mas como uma configuração singular da consciência humana, reconhecendo a diferença entre sua perspectiva e a do próprio terapeuta.

Essa abordagem também reflete a importância de um olhar que reconhece a singularidade de cada pessoa, evitando generalizações ou reduções que limitem a complexidade do ser humano. Mano (2010) ressalta que a Fenomenologia, em suas vertentes transcendental e descritiva, reflete sobre as estruturas essenciais dos fenômenos que aparecem à consciência, enfatizando a experiência vivida e as descrições dessas vivências.

Ao focar no que pode ser feito, e não no que é impossível mudar, a Logoterapia oferece um suporte valioso mesmo diante das maiores adversidades. É possível transformar o sofrimento em realização humana, encarando a transitoriedade da vida como incentivo para agir com responsabilidade, e a iminência da morte, como uma oportunidade de mudança diante do que é factual (Frankl, 2008).

Este estudo realizou uma análise teórica aprofundada, centrada nos princípios fundamentais da Logoterapia de Viktor Frankl, com foco específico no processo de morrer. A partir dessa base, foram evidenciadas formas pelas quais a Logoterapia pode atuar junto àqueles que se encontram diante da morte, oferecendo caminhos concretos para a construção de sentido, a fim de proporcionar uma compreensão mais abrangente sobre

como amenizar o sofrimento nas últimas experiências da vida.

A Presença do Sentido na Morte: a contribuição da Logoterapia ao fim da existência

Viktor Emil Frankl, psiquiatra austríaco sobrevivente do Holocausto, desenvolveu a teoria logoterapêutica, cujos fundamentos começaram a ser elaborados antes mesmo de sua prisão nos campos de concentração. Ao afastar-se das concepções de Freud e, posteriormente, de Adler, Frankl consolidou sua própria escola (Clemente & Kruger, 2016). Sendo assim, em contraste com a psicanálise, que prioriza o princípio do prazer, e com a psicologia adleriana, que enfoca a busca pela superioridade, Frankl (2008) apresentou a busca de sentido como a principal força motivadora do ser humano – a Logoterapia centrada na busca pelo sentido, especificamente o sentido da vida, que se revela como a motivação mais fundamental que permeia a existência humana (Junger, 2021). O ser humano é, acima de tudo, movido pela necessidade de encontrar um propósito para sua vida (Frankl, 2008). Esse sentido não é algo que se cria, mas algo a ser descoberto, especialmente nos momentos de sofrimento, quando o ser humano é desafiado a buscar significado em meio à adversidade.

A Logoterapia não surgiu de um insight ou de um lampejo intelectual isolado, como tantas outras grandes construções humanas; ela se apoia nos ombros de gigantes do pensamento (Clemente & Kruger, 2016). Durante o desenvolvimento de seus estudos, Frankl (2010) aprofundou-se nas obras de Freud, Adler, Kierkegaard, Jaspers, Binswanger; utilizou como base teorias e técnicas existenciais e humanistas, propostas por Sartre e Nietzsche, bem como a fenomenologia husserliana e heideggeriana (Cruz et al., 2023). Além disso, o pai da Logoterapia estudou Martin Buber, Nicolai Hartmann e Max Scheler (Neto, 2013).

Para Frankl (2021), o sentido pode ser descoberto mesmo nos momentos finais da vida, conferindo valor a uma existência que, à primeira vista, poderia parecer desprovida de propósito – ainda que tal sentido se revele em um instante derradeiro. Essa possibilidade de encontro com o sentido é dinâmica e adaptável, variando conforme as circunstâncias particulares de cada indivíduo (Frankl, 2008). Em qualquer tempo ou situação, o ser humano é convocado a responder com liberdade e responsabilidade, guiado por seus valores mais profundos (Frankl, 2019a).

Nesse horizonte, torna-se imprescindível uma abordagem que vá além do mero

alívio sintomático, promovendo um cuidado integral que abarque todas as dimensões da existência humana. Como observa Frankl (2016), cabe ao logoterapeuta identificar e acolher o sofrimento humano em suas três dimensões fundamentais, pois a negligência de qualquer uma delas pode intensificar a dor e agravar a angústia do indivíduo.

Sob a ótica da Logoterapia, compreende-se que ele é um ser orgânico em sua estrutura, psicossocial em seu desenvolvimento, mas essencialmente espiritual em sua existência, sendo uma unidade composta (Dittrich & Oliveira, 2019). Frankl (2016) propõe, portanto, uma concepção tripartida do ser humano: bio-psíquico-noético.

Importa salientar que a noética, no pensamento frankliano, não deve ser confundida com uma noção teológica ou religiosa – trata-se, antes, de uma categoria antropológica (Dittrich & Oliveira, 2019), que abrange o núcleo espiritual da pessoa: sua liberdade, sua responsabilidade, sua consciência moral e sua abertura à transcendência. É, pois, essa dimensão que reconhece no ser humano a liberdade interior e os valores como fundamentos de sua dignidade (Frankl, 2008).

Em diálogo com a Fenomenologia, é possível ampliar essa compreensão. No campo fenomenológico, o termo *noese* designa o ato intencional mediante o qual a consciência se dirige ao mundo e constitui a experiência como sempre orientada a algo. Tourinho (2013) aponta que a intencionalidade é a marca das vivências, na medida em que estas são, sempre, vivências de algo. Em complementariedade, Santos (2015) destaca que a *noese*, enquanto expressão ativa da consciência, organiza os dados sensíveis em experiências dotadas de significado, revelando uma interação contínua entre a matéria do vivido e a forma intencional que lhe confere sentido. Assim, segundo Tourinho (2013), há uma tensão criadora entre a camada material da experiência e sua dimensão intencional, que transforma o dado bruto em realidade significativa.

Dessa forma, a dimensão noética, longe de ser mero componente da estrutura da consciência, revela sua potência de transcender o imediato, orientando o ser humano à ressignificação da própria existência (Tourinho, 2013). Ela é o ponto em que se manifesta a liberdade interior, a possibilidade de resposta autêntica ao sofrimento.

É nesse âmbito que Costa (2024) propõe uma escuta terapêutica ampliada, que considere as múltiplas dimensões psicológica, corporal, relacional/intersubjetiva, existencial e espiritual (no prelo); reconhecendo o ser humano em sua totalidade, e não apenas sob o prisma redutor dos diagnósticos.

Essa perspectiva ganha especial relevância quando aplicada ao contexto do morrer. O cuidado com quem está morrendo deve considerar a complexidade das relações humanas, incluindo a interação com as famílias, preservando a dignidade da pessoa e a capacidade de atribuir sentido, como ressignificação da existência (José, 2019).

Por outro lado, como exposto por Frankl (2019b), deve-se considerar a dimensão biológica, manifesta pelo corpo físico e suas manifestações somáticas – enquanto a psíquica abrange os fenômenos relacionados à mente e às emoções. Embora o psicólogo não atue diretamente sobre as questões biológicas, é essencial que reconheça sua relevância no cuidado integral. Nesse sentido, o logoterapeuta deve considerar as limitações e condições físicas do consultante, mesmo que seu foco principal seja o tratamento das dimensões psicológicas e noéticas (Frankl, 2016).

Pela lógica integrativa da Logoterapia, cabe ao terapeuta alertar sobre a importância do cuidado com a saúde física, incentivando, sempre que possível, práticas como a realização de exames médicos, o acompanhamento profissional adequado e a adoção de hábitos saudáveis, incluindo uma boa alimentação, sono regular e atividade física. Embora o psicólogo não intervenha diretamente no corpo físico, nota-se que o reconhecimento dessas necessidades é essencial, uma vez que aspectos como má alimentação, privação de sono ou outras questões de saúde podem impactar diretamente o estado cognitivo, emocional e a disposição do indivíduo.

Diante do exposto, ainda que circunstâncias das dimensões do ser humano possam impor limitações, permanece intacta a liberdade interior da pessoa: a capacidade de escolher suas atitudes, de atribuir sentido e de direcionar sua existência, mesmo frente a um destino imutável. Assim, o homem não é livre das condições biopsicossociais, mas sim para decidir como enfrentá-las (Aquino, 2013).

Dentro da Logoterapia, Frankl (2015) apresentou três conceitos centrais, conhecidos como a tríade básica: Vontade de Sentido, Liberdade de Vontade e Sentido da Vida. A Vontade de Sentido é definida como o impulso fundamental do ser humano em procurar significado para sua existência, uma necessidade que ultrapassa a simples busca por prazer ou poder (Frankl, 2016). Já a Liberdade de Vontade vai além da ausência de restrições externas, é a habilidade de escolher como reagir diante das adversidades e circunstâncias. Pereira (2013) ensina que a liberdade vem polarizar o que se apresenta como o reino do possível. Nela, reside a possibilidade de tomar decisões conscientes e moldar a própria vida de acordo com valores pessoais. Finalmente, o Sentido da Vida, que

não é imposto ou universal, mas descoberto individualmente, mesmo em contextos desafiadores, emerge das escolhas que são feitas e das atitudes que são adotadas, principalmente quando confrontados com o sofrimento inevitável. Pereira (2013) pontuou que o sentido aparece como o para quê viver, ou seja, quando um querer sobreviver se torna um dever sobreviver.

Aquino (2013) argumentou que todos os seres humanos enfrentam a chamada Tríade Trágica, composta por: dor, culpa e morte. A forma como o indivíduo lida com esses elementos é determinante para sua saúde mental e emocional, bem como para sua capacidade de encontrar sentido na vida. Segundo ele, a maneira como o ser humano responde à dor pode ser determinante para tal. A culpa, por sua vez, convida à reflexão sobre erros e limitações, criando uma oportunidade para o arrependimento, a mudança e a construção de um sentido mais profundo. Já a consciência da morte motiva o indivíduo a valorizar a existência e a buscar um propósito que transcenda sua própria finitude (Aquino, 2013).

Deste modo, os componentes da Tríade Trágica podem ser ressignificados: o sofrimento transformado em realização, a culpa, em crescimento, e a transitoriedade da vida, em estímulo para agir com responsabilidade e propósito (Frankl, 2023).

Essa perspectiva encontra eco na reflexão de Pereira (2013), pela qual o ser humano é constantemente chamado a dar o melhor de si a cada instante, seja em suas ações, nos laços que constrói ou mesmo diante do sofrimento que enfrenta. Esse compromisso com o presente exige uma postura ativa e intencional frente à vida. Diante de situações imutáveis, Frankl (2015) esclareceu que a transformação precisa ocorrer internamente, sendo a postura do indivíduo frente ao inevitável o que permite transcender as circunstâncias, convertendo desafios em oportunidades de crescimento e sentido.

Essa dinâmica reflete o caráter único e irrepetível da existência humana, como destacado por Lukas (1989), ao apontar que ninguém pode viver a vida de outro. Isso é particularmente pertinente no enfrentamento da finitude, no qual o sofrimento pode ser ressignificado como oportunidade de triunfo (Frankl, 2008).

Assim, ele centraliza a ideia de que a liberdade final do ser humano reside em sua capacidade de escolha de atitude perante o destino inevitável, permitindo que, mesmo em meio à dor, ele encontre sentido e propósito. Nesse sentido, Lukas (1989) esclareceu que essa liberdade não se refere a uma ausência de condições; em vez disso, trata-se de uma liberdade orientada *para* algo – não uma liberdade *de* algo. O indivíduo pode ser privado

de tudo, exceto da liberdade final de escolher sua atitude diante das circunstâncias e, ao se deparar com uma situação que não pode ser modificada, precisa mudar a si mesmo (Frankl, 2008).

O ser humano demonstra sua verdadeira essência quando transcende as limitações, sejam elas biológicas, sociológicas ou psicológicas, e se eleva à dimensão da liberdade, usando sua capacidade de escolha para encontrar sentido (Frankl, 2019b). Pereira (2013) complementa ao afirmar que o homem tem a capacidade de vislumbrar e atualizar as possibilidades que se apresentam em um determinado momento de sua vida. O que difere o homem dos animais é justamente a liberdade humana. Frankl (2008) também destacou que cada pessoa é desafiada pela vida, e somente a ela pode responder de forma única, assumindo a responsabilidade por sua própria existência.

Conforme Frankl (2021),

[...] o que importa, nesse caso, é a postura que se decide ter, a atitude que permite, heroicamente, transformar a miséria de um sofrimento inevitável numa conquista, num triunfo. É por essa razão que a vida nunca cessa de abrigar um sentido, já que até mesmo uma pessoa que se encontra privada de valores de criação ou de experiência é, ainda, desafiada por um sentido a preencher, isto é, pelo sentido inerente a um modo reto e digno de vivenciar o próprio sofrimento. (p.80)

Como elaborado por Elias (2001), para aqueles que se sentem realizados, a morte é mais fácil; para aqueles que se sentem fracassados, mais difícil; além disso, existem os que, apesar de terem tido uma vida boa, sentem que sua maneira de morrer não faz sentido.

Existência efêmera e o sentido da vida

Aquino (2015) descreve a experiência da morte não como interrupção abrupta da vida, mas como fenômeno que lhe é inerente; como o cessamento das realizações de um projeto de vida. Para ele, negar a morte representa, antes, uma recusa ao encontro com as dores inevitáveis do existir. Em contrapartida, aceitar a finitude é passo necessário para transcender o sofrimento e encontrar, mesmo na adversidade, a possibilidade de sentido. Frankl (2008) ressalta que é possível descobrir o sentido da vida até o último suspiro; diante da iminência da morte, a tarefa não é evitá-la, mas enfrentá-la de cabeça erguida (Frankl, 2019a). Sua abordagem convida à reflexão sobre como a proximidade da morte pode ser ocasião para reafirmação de valores, revisão de escolhas e ressignificação da existência.

Kroeff (2014) acrescenta que o sentido atribuído à morte não apaga sua dor, mas

amortece o desespero. Esse sentido impede o mergulho na passividade, atuando como alicerce que sustenta a alma frente ao colapso. O tema, tão antigo quanto o primeiro suspiro humano, ainda encontra resistência em bravatas, fugas e uma altivez que disfarça o medo.

O que se entrevê, nessa era de apetite material e aspirações de alegrias instantâneas, é uma incredulidade sistemática diante do fim, como se a própria morte fosse uma superstição ignóbil, ou mesmo um equívoco biológico a ser corrigido por algoritmos e redimido pelas promessas da medicina moderna. Desacreditada, a morte foi relegada ao silêncio, convertida em ruína simbólica. Sob a lógica de um sistema que controla corpos e abafa consciências, a travessia final perdeu sua dignidade. E, no entanto, basta um sopro, a notícia do inadiável, o silêncio da ausência, o odor no quarto do moribundo, para que a frágil couraça da negação se desfaça, revelando a nudez da condição humana, vestida apenas com a casula da fragilidade última.

Lukas (1989) aponta que a Logoterapia oferece ao indivíduo ferramentas para enfrentar o sofrimento com firmeza, nutrida pela liberdade de escolha, promovendo uma atitude capaz de transcender a dor. Ao concentrar-se na busca de sentido e não exclusivamente na cura, a abordagem previne o surgimento de sentimentos de vazio, inutilidade e desesperança. Essa orientação torna-se essencial no fortalecimento emocional de quem se encontra em processo de morrer.

Frankl (2008) observou que “discutir abertamente a morte pode abrir portas para um entendimento mais profundo da vida e do significado que ela possui” (p. 168). Este entendimento sugere que a reflexão sobre a finitude não apenas permite um enfrentamento mais consciente da morte, mas também pode enriquecer a vivência do presente. Conforme elucidado por Frankl (2022), o cotidiano se torna realidade por excelência, e essa realidade se torna capacidade de ação. Nesse espaço, abordar a morte torna-se oportunidade para expressar medos e desejos últimos, conduzindo a uma aceitação mais serena da condição mortal.

Arantes (2016) observa que refletir sobre a própria finitude permite considerar decisões essenciais, como os cuidados com o corpo, os ritos fúnebres desejados, ou o legado que se quer deixar. Tal processo favorece o fortalecimento dos laços afetivos e cria um ambiente propício à escuta e ao suporte mútuo. Nas palavras de Kubler-Ross (1969), tal cenário contrasta com uma sociedade em que a morte é encarada como tabu, na qual também os debates a seu respeito são considerados mórbidos, e as crianças colocadas à

distância sob o pretexto de poupá-las da dor.

Abrir esse diálogo não é apenas antecipar o que virá, mas redescobrir o valor do que já se vive. Significa criar um espaço seguro onde o indivíduo possa verbalizar suas inquietações sem julgamento. Os cuidados ao lidar com o processo de morte reforçam essa visão: ao escolher esse caminho, o sujeito não apenas aceita a morte como parte da vida, mas é reconhecido não como um portador de doença, e sim como pessoa, inteira, digna, presente (José, 2019).

Kovács (2014) observa que, na contemporaneidade, houve um deslocamento do lugar físico da morte, que deixou de ocorrer nas residências para se dar majoritariamente nos hospitais. Essa mudança impacta profundamente o processo de morrer, transformando tanto a vivência do indivíduo quanto de seus familiares. A maneira como cada pessoa enfrenta a morte está diretamente relacionada à sua história de vida, personalidade e esforço pessoal (Kovács, 1992). Assim, o ser humano é responsabilizado tanto por sua vida quanto por sua morte, sendo essa responsabilidade um elemento central em sua existência.

Frankl (2022) frisou que é na atitude diante das dificuldades que o ser revela quem é. Aceitar a finitude não significa resignar-se, mas assumir uma postura ativa perante o inevitável. A vida ganha sentido ao se agir, amar e sofrer (Frankl, 2022). Arantes (2016) salienta que enfrentar a morte com dignidade exige reconhecer o medo e a tristeza como respostas humanas legítimas – não as suprimir, mas sim integrá-las à busca de sentido.

Mesmo uma vida que, até então, carece de propósito, pode ser preenchida por significado nos momentos finais (Frankl, 2022). A ideia de que morrer bem é viver até o último dia com plenitude não nega a gravidade da morte ou o sofrimento a ela vinculado. Nos cuidados com quem está morrendo, busca-se criar um espaço de acolhimento, onde o indivíduo possa expressar seus receios, esperanças e angústias (Arantes, 2016).

Corroborando esse pensamento, nas palavras de Frankl (2008), quando um homem descobre que seu destino lhe reservou um sofrimento, tem que ver nesse sofrimento também uma tarefa sua, única e original. Fornecer apoio envolve criar espaços que permitam ao indivíduo, frente à morte, reforçar laços afetivos, dialogar sobre questões espirituais, se preparar emocionalmente e resolver o que há de pendente. A preparação para a morte começa quando se começa a viver plenamente (Arantes, 2016). Assim, a proposta não é eliminar o medo da morte, mas, sim, permitir que a pessoa viva seus últimos momentos encontrando paz naquilo que considera valorativo.

Frankl (2019b) observou que a consciência da transitoriedade é o que confere sentido à vida. Até mesmo nos campos de concentração, ele via que as pessoas podiam escolher como se posicionar diante da morte. A responsabilidade existencial exige que se enfrente a morte com integridade, sem se eximir, carregando uma responsabilidade intrínseca em relação à própria existência. A transitoriedade da vida, afinal, de forma alguma tira o sentido da existência. Na verdade, mesmo se estando ciente de que a vida é passageira, não há diminuição de seu valor intrínseco (Frankl, 2022). Pelo contrário, tal consciência impele o indivíduo a tomar decisões responsáveis, a agir com profundidade – a iminência da morte torna-se um convite à mudança e à realização perante o factual (Frank, 2008).

Arantes (2016) destaca que a abordagem da dor deve contemplar os aspectos físicos, emocionais e espirituais, favorecendo uma vivência do processo de morrer mais serena e dotada de significado. Enquanto a espiritualidade diz respeito às práticas, crenças e vivências que conectam o indivíduo a algo maior – seja uma divindade, a natureza ou uma comunidade –, a dimensão noética remete à capacidade humana de refletir criticamente sobre tais experiências e delas extrair um sentido pessoal e profundo. Como tal, a espiritualidade pode ser compreendida como manifestação da dimensão noética, ao integrar vivências subjetivas em uma perspectiva existencial mais ampla.

O logoterapeuta deve explorar a transcendência com sensibilidade, reconhecendo-a como parte fundamental da experiência humana – especialmente em momentos terminais. Rodrigues (2019) afirma que o cuidado integral do consultante se realiza quando se permite ao paciente vivenciar sua religiosidade. Práticas como meditação, oração e reflexão espiritual ajudam os indivíduos a se reconectar com suas crenças e valores, proporcionando um espaço interno de paz e resiliência, desde que respeitadas as crenças do sujeito.

As experiências de transcendência são caminhos que conduzem a um legado de amor, gratidão e compreensão. Arantes (2016) afirma que a espiritualidade pode converter o sofrimento em sentido. Esse movimento é vital para que os últimos dias não sejam apenas vivenciados, mas plenamente significados.

A morte, assim, deixa de representar um término abrupto e converte-se em passagem, não rumo ao esquecimento, mas à permanência, ao eco perene de uma existência que, até o derradeiro instante, buscou encontrar significado. Por fim, explorar a espiritualidade e fomentar a autotranscendência é oferecer ao ser humano, mesmo diante

da finitude, consolo nas conexões tecidas e no sentido ainda possível de se realizar.

A importância do fortalecimento dos aspectos emocionais e existenciais

O logoterapeuta pode ajudar o consultante a refletir sobre seus relacionamentos e a realizar a ressignificação de experiências vividas, promovendo um ambiente onde a comunicação aberta e o acolhimento das emoções se tornam possíveis. Segundo Arantes (2016), os laços afetivos revelam-se de extrema importância no final da vida, desempenhando um papel fundamental no bem-estar emocional. O fortalecimento dessas conexões é essencial para proporcionar um senso de completude e pertencimento, especialmente diante da iminência da morte. Esse momento se torna propício para diálogos profundos, nos quais a expressão de sentimentos e o compartilhamento de experiências adquirem um sentido mais concreto. Isso permite que os consultantes revisitem suas histórias de vida e endossem seus relacionamentos.

Além disso, pode ser uma oportunidade para reconciliações ou mesmo para o desapego de vínculos que já não eram saudáveis. Arantes (2016) ensina que esses diálogos não apenas proporcionam conforto emocional, mas também ajudam a consolidar legados afetivos. Kubler-Ross (1969) afirma que, quando uma pessoa está gravemente enferma, em geral, é tratada como alguém sem direito a opinar; sequer decide sobre se, quando e onde ser hospitalizado. Não se deve esquecer que o doente também tem sentimentos, desejos, opiniões e, acima de tudo, o direito de ser ouvido.

Para Frankl (2008), esse processo de fortalecimento dos laços afetivos vai além de aliviar o medo da morte; ele prepara o consultante para uma passagem mais tranquila, em que sentimentos de abandono ou mágoas não resolvidas são transformados em afeto, compaixão e aceitação. Dessa maneira, a pessoa enfrenta seus últimos dias com maior serenidade, cercada pelos vínculos que sustentam sua existência e promovem sentido renovado de pertencimento. O ato de se despedir se transforma, assim, em uma celebração das conexões construídas ao longo da vida, um legado emocional que perdura mesmo após a partida. Como posto por Scott (2000), se a morte sorri para você, sorria de volta.

O fortalecimento dos laços afetivos também pode ter um impacto positivo na experiência de luto dos familiares e amigos. Arantes (2016) ressalta que relacionamentos reconectados e harmonizados proporcionam um espaço de acolhimento e suporte, essencial para que os entes queridos possam enfrentar a dor da perda de maneira mais

saudável e integrada. Portanto, fomentar esses laços não é apenas um ato de amor em direção ao sujeito que vivencia o morrer, mas um investimento no bem-estar emocional de todos os envolvidos, criando um ciclo de cuidado que se estende além da morte.

Dentro desse panorama, os cuidados voltados à qualidade de vida surgem como possibilidade para lidar com o sofrimento existencial e físico no fim da vida. Conforme exposto por Arantes (2016), sua necessidade e seu valor tornam-se muito mais evidentes quando a progressão atinge níveis elevados de sofrimento físico – onde a medicina nada mais tem a oferecer. O manejo eficaz da dor é um aspecto central, não apenas para aliviar o corpo, mas para honrar a dignidade de quem parte. Nesse sentido, como afirma a autora, é preciso ter respeito pela grandeza do ser humano que enfrenta sua morte. Trata-se, portanto, não apenas do uso de medicamentos, como também a aplicação de terapias complementares, como acupuntura e musicoterapia.

É patente que a Logoterapia, com seu foco na busca de sentido, complementa o cuidado com a pessoa próxima à morte de forma integrativa, levando em consideração não apenas o alívio físico, mas também a necessidade de suporte emocional e existencial, ajudando os indivíduos a reconhecerem seu valor intrínseco, independentemente das limitações impostas por suas condições físicas. Frankl (2008) destacou que é imprescindível adotar intervenções que promovam uma reavaliação das experiências de vida, permitindo que os seres humanos desenvolvam uma percepção mais favorável de si mesmos, diante do sofrimento inevitável.

Esta última ideia ressoa nos pensamentos de Arantes (2016), que concebe o que separa o nascimento da morte como sendo o tempo – e a vida é o que se faz dentro desse tempo, é a experiência. Essa percepção pode ser particularmente significativa para as pessoas em fase final da vida, pois gera a consciência de que ainda vivem e possuem um papel ativo, mesmo que limitado, podendo-se aliviar o sofrimento emocional e fomentar uma atitude não apenas positiva, mas também ativa.

A qualidade de vida emerge como preocupação central no cuidado de pessoas que vivem a etapa final, configurando-se como um fator determinante para o bem-estar e a dignidade durante os últimos momentos. Na Logoterapia, essa questão é trabalhada ao se ajudar o indivíduo a identificar fontes de sentido, o que o auxilia a redefinir prioridades e encontrar motivos para se viver, mesmo diante das limitações da doença (Frankl, 2022).

Segundo Arantes (2016), ter alguém que se importe com o sofrimento do outro no fim da vida é algo que traz paz e conforto para quem está morrendo e para seus familiares.

Percebe-se, assim, que, ao se integrar o manejo da dor com suporte emocional e psicológico, é possível proporcionar aos consultantes uma experiência de cuidado que respeita sua individualidade e promove um desfecho mais humanizado.

Aplicação clínica da logoterapia no contexto final da vida

Como apontado por Costa & Silva (2010), é preciso levar em consideração todo o contexto no qual o sofrimento se manifesta. Ao abordar o sofrimento e as angústias humanas, Frankl (2016) enfatizou a importância de compreender como o adoecimento e o sofrimento se manifestam, o que inclui investigar sua origem (etiologia), seus sintomas (sintomatologia) e o significado que esse sofrimento tem para a pessoa. Para Frankl (2016), a etiologia se refere à causa do processo sintomatológico, ou seja, à origem de uma manifestação. Já a sintomatologia sinaliza a descrição dos sintomas. O significado do sofrimento, por sua vez, é entendido sob uma perspectiva fenomenológica.

Segundo Frankl (2016), todo sintoma possui tanto aspectos somáticos quanto psíquicos, sendo essencial identificar qual deles predomina a cada vez. Ele propôs que a sintomatologia pode ser classificada como fenossomática (quando os sintomas são predominantemente somáticos) ou fenopsíquica (quando a manifestação é principalmente psíquica). Essa diferenciação auxilia na compreensão da natureza do sofrimento e na atuação terapêutica mais adequada.

Frankl (2016) também categorizou a etiologia em três tipos principais: somatogênica, psicogênica e noogênica. A etiologia somatogênica ocorre quando a causa do sofrimento se origina na dimensão física e afeta outras esferas da existência. A etiologia psicogênica, por sua vez, refere-se a causas que têm origem na dimensão psíquica. Por fim, a etiologia noogênica tem suas raízes na dimensão noética.

No contexto dos cuidados com quem se aproxima da morte, é essencial ao logoterapeuta diferenciar entre a sintomatologia fenossomática e fenopsíquica, para identificar se o sofrimento do consultante é predominantemente físico ou emocional. Essa distinção possibilita a adoção de intervenções mais precisas, abordando de maneira integrada tanto os sintomas corporais quanto os aspectos psicológicos e emocionais do indivíduo. A identificação da etiologia do sofrimento desempenha um papel crucial na personalização do cuidado (Frankl, 2016), possibilitando-se compreender se o sofrimento está de fato intrinsecamente ligado ao morrer, e se sua origem é somatogênica (orgânica), psicogênica (psíquica) ou noogênica (existencial).

Na abordagem logoterapêutica, a identificação de fontes de sentido é um passo fundamental para ajudar os indivíduos a encontrar propósito e motivação, especialmente em momentos de crise existencial. Dessa forma, Frankl (2022) delineou três principais caminhos para encontrar o sentido: realizando valores criativos, vivenciais e atitudinais.

Os valores criativos referem-se ao que o indivíduo realiza ou cria, como obras de arte ou atividades que envolvem expressão pessoal. Mesmo em estágios avançados da vida, quando as possibilidades de ação física e de realização podem ser limitadas, a Logoterapia pode ajudar o consultante a se conectar com formas criativas de expressão (Frankl, 2022). Por exemplo, um paciente pode criar algo simbólico para deixar um legado, como escrever cartas, desenhar ou contar histórias para os familiares. Mesmo que não seja uma obra artística grandiosa, qualquer ato que se conecte ao próprio ser e a sua expressão criativa pode trazer um sentido profundo.

Nesse contexto, a terapia artística ganha uma nova dimensão integrada aos princípios da Logoterapia. Prado, ao se aprofundar na prática da terapia artística, incorpora gradualmente os fundamentos da Logoterapia em sua abordagem, criando o conceito de Logoarte. Com isso, a arte é não tomada apenas como forma de expressão, mas também como veículo simbólico que fortalece o vínculo com os princípios logoterapêuticos, ajudando o indivíduo a atribuir sentido à sua experiência e à sua criação.

Conforme Prado (2021), esse modelo complementa a Logoterapia por meio da integração com a arte, promovendo o fortalecimento das forças internas da pessoa – permitindo ao consultante, da mesma forma, ser visto e trabalhar-se, seguindo ainda em busca do sentido. Como posto por Rabuske e Ratusznei (2019):

Na Logoarte o cliente pinta, desenha ou modela sob a orientação do terapeuta. Este, assim desejando, pode dialogar sobre as ideias que surgem durante o trabalho; o diálogo é o quadro de referência para o terapeuta. Na arte, o resultado é importante. Na terapia, procura-se o processo para a busca do equilíbrio e da harmonia, e experimenta-se mudanças, o que na vida real não pode ser experimentado (p. 6).

Ainda, Prado (2021) expõe que o logoterapeuta deve levar em consideração as cores usadas, a força no lápis, as formas colocadas e o sentido do movimento artístico para a pessoa. No contexto próximo à morte, essa abordagem auxilia o consultante a lidar com a ansiedade, encontrar significado e explorar emoções de forma não verbal.

Para Frankl (2022), os valores vivenciais estão relacionados às experiências que a pessoa vive, como amar alguém ou apreciar a beleza da natureza; assim, o consultante pode ser incentivado a se concentrar nas experiências que ainda lhe são acessíveis. Esses

valores podem ser usados como ferramenta para reconectar o consultante com aspectos essenciais de sua vida. Conforme Arantes (2016), a convivência familiar é um momento crucial, pois oferece a oportunidade de abordar conversas profundas, incluindo discussões sobre diretivas antecipadas e decisões sobre como deseja viver seus últimos momentos. Incentivar o indivíduo a valorizar a convivência com a família, amigos e até animais de estimação, isto é, compartilhar momentos de afeto, pode trazer um sentido profundo de conexão humana. Além disso, a apreciação da natureza, mesmo que observada através de uma janela, ou momentos de silêncio e contemplação, podem promover uma sensação de paz, reflexão e transcendência.

Igualmente, a prática de meditação ou *mindfulness* também pode ser explorada para ajudar a pessoa a estar presente no momento e encontrar tranquilidade. O amor, o perdão e a reconciliação também são partes essenciais desse processo, permitindo que o paciente se sinta mais conectado com os outros e consigo mesmo – a despeito da proximidade da morte. Por fim, os valores atitudinais dizem respeito à postura que o indivíduo adota diante de situações inevitáveis, como a morte (Frankl, 2022). Para ajudar o sujeito a identificar essa fonte de sentido, os profissionais de saúde podem utilizar técnicas tais como entrevistas significativas, discussões sobre valores e reflexões guiadas.

A Logoterapia enfatiza que, mesmo em face da dor e da morte, os indivíduos têm a liberdade de escolher suas atitudes e respostas. De acordo com Frankl (2008), para se encontrar sentido nem sempre é necessário o sofrimento; mas, se este for inevitável, o sentido ainda é possível. Contudo, caso o sofrimento seja evitável, sua causa deve ser mitigada.

Ainda, nas palavras de Frankl (2008), o ser humano se mostra capaz de, mesmo diante do fracasso exterior da morte, alcançar uma grandeza humana que antes, em sua existência cotidiana, talvez jamais lhes tivesse sido concedida. É precisamente a mortalidade que confere propósito às ações e escolhas. Se a imortalidade fosse uma realidade, haveria a tentação de postergar tudo indefinidamente, sem a urgência de se agir ou buscar realizações. Conforme Frankl (2022), a limitação do tempo cria uma pressão para que cada indivíduo viva de maneira responsável e significativa.

Nesse contexto, a Logoterapia destaca a liberdade e a responsabilidade inerentes a cada pessoa em suas escolhas, mesmo diante de circunstâncias adversas. O humano se constitui como um ente livre – enquanto ser que decide –, e, por conseguinte, responsável, tendo que a cada instante decide qual possibilidade vivenciar e qual deixar

para o passado (Aquino & Chaves, 2021).

Abordar a morte de maneira aberta e honesta permite que o consultante expresse seus medos, desejos e reflexões, promovendo um espaço para a criação de valores, legados e sentido. Como observado por Frankl (2008), a vida nunca se torna irrelevante, mesmo nas circunstâncias mais sombrias, desde que ainda haja possibilidade de se encontrar sentido.

Contudo, o logoterapeuta deve identificar se a pessoa acolhida não está com os seus recursos noéticos limitados – para saber quais precisam ser desenvolvidos. Sua razão se dá no fato de que a sintomatologia que afeta a dimensão psicofísica frequentemente resulta da restrição da dimensão noética, tornando-a inacessível. Tais potencialidades inerentes ao ser humano são fundamentais, pois permitem a expressão de características antropológicas essenciais (Frankl 2016).

É válido pontuar que o logoterapeuta, em um contexto de proximidade da morte, não irá trabalhar questões de autorregulação e tomada de decisão da mesma forma que faria em uma clínica cotidiana. Isso ocorre porque, segundo Arantes (2016), nos cuidados com quem está morrendo, o foco está em ajudar a encontrar sentido e aliviar o sofrimento em meio à situação final, de fragilidade – podendo, ainda, configurar uma terapia breve. Nesse cenário, a abordagem do logoterapeuta é adaptada para respeitar a condição física e emocional do consultante, sendo mais suave. Em vez de enfatizar mudanças comportamentais a longo prazo ou explorar extensivamente conflitos internos, o trabalho é direcionado para apoiar a pessoa na busca de sentido em suas escolhas diárias e voltadas para a sua partida.

Dessa forma, Frankl (2016) coloca que o logoterapeuta deve atuar com duas principais características antropológicas: o autodistanciamento e a autotranscendência. O autodistanciamento consiste na capacidade de se tomar distância de si mesmo, monitorar-se e controlar seus próprios processos emotivos-cognitivos – na medida em que o ser humano tem a capacidade de se autodistanciar, essa capacidade precisa ser expressa (Frankl, 2016). Para que o logoterapeuta consiga trabalhar o autodistanciamento, é preciso trabalhá-lo através de 3 capacidades que Frankl (2016) coloca como sendo: a autocompreensão, a autorregulação e a autoprojeção.

Um cliente já pode vir com uma dessas capacidades bem desenvolvidas, entretanto. Cabe ao logoterapeuta perceber tais capacidades manifestas ou não. Nas palavras de Frankl (2016), a autocompreensão é a consciência de si mesmo, isto é, a

capacidade de se compreender, de perceber seus valores, atitudes, comportamentos, pensamentos – a capacidade de objetivação pessoal na percepção de si mesmo. No contexto dos cuidados com quem está próximo à morte, não cabe ao psicólogo trabalhar a tomada de atitude se o consultante não reconhece sua autenticidade. Sem tal consciência, as decisões podem ser tomadas sem base no que realmente se valoriza ou acredita, resultando em crises e insatisfações. Esse reconhecimento é crucial para promover escolhas que reflitam o verdadeiro sentido da vida, especialmente em momentos de fragilidade.

A segunda capacidade que auxilia o autodistanciamento é a autorregulação – Frankl (2016) a coloca como sendo a capacidade humana de distanciar-se de si para se opor a seus mandatos psicofísicos. O ser humano precisa ser proativo e não reativo – como gerador de autodisciplina, o sujeito passa a compreender suas limitações, e avalia melhor sua situação de risco. No limiar da vida com a morte, pode ser crucial acessar a autorregulação, já que o indivíduo pode enfrentar situações em que precisa resistir a certas decisões que, embora desejadas pelo corpo, não são benéficas do ponto de vista espiritual e noético. Afinal, nem tudo o que é desejado contribui para o bem-estar integral.

A terceira capacidade colocada por Frankl (2016) é a autoprojeção, sendo ela a capacidade do indivíduo de ver-se a si mesmo de outra forma. Dentro de suas possibilidades diante do destino inevitável, é o centro da motivação para mudança e transformação. A autoprojeção leva o homem a refletir sobre si e sobre quem ele pode vir a ser. O logoterapeuta precisa estimular na pessoa sua capacidade de ver outras versões de si mesma.

A autotranscendência marca o fato antropológico de que a existência humana nunca aponta para si, mas para algo, para alguém (a existência de outro ser humano que encontra), ou para um sentido que deve ser preenchido (Frankl, 2016). Como explica Leoncio (2021), a autotranscendência ocorre pela dimensão espiritual, permitindo que a pessoa ultrapasse a si mesma ao buscar um propósito, alcançando assim a autorrealização como efeito, e não como um objetivo direto – conduzindo a uma existência autêntica.

Na Logoterapia, a autotranscendência é vista como o mais elevado estágio de desenvolvimento da existência humana, representando a capacidade de direcionar pensamentos e ações para além de si mesmo, em favor de algo ou alguém (Lukas, 1989). Essa dimensão transcendente manifesta-se de maneira plena quando se colocam em

prática os princípios da diferenciação, afetação e entrega.

Conforme Frankl (2016), a diferenciação consiste na habilidade de estabelecer encontros autênticos, reconhecendo o outro em sua singularidade. Esse reconhecimento é essencial para a construção de vínculos genuínos e para vivências significativas. No contexto de proximidade da morte, essa prática adquire uma importância ainda maior, pois permite que a pessoa que se aproxima do limiar da vida se conecte profundamente com aqueles ao seu redor, favorecendo o respeito aos seus desejos finais e promovendo um sentido renovado para os momentos derradeiros da existência.

A afetação é o impacto emocional que um valor ou sentido provoca no ser humano, gerando mudança interna (Frankl, 2016). Deve-se olhar aqui a afetação como mudança de estado do sujeito – uma mudança pessoal intrínseca, que faz com que a pessoa seja atraída por um valor. Quando o sujeito é afetado por algo, ele se transforma, porque dado fenômeno provoca nele mudança, a partir da qual ele não consegue se manter o mesmo – provoca nele um valor. No contexto da finitude, um consultante pode ser profundamente afetado ao reconhecer o valor de momentos simples com a família ou ao perceber a importância de deixar um legado.

Por fim, Frankl (2016) fundamenta a entrega como sendo o processo de aceitação e comprometimento com um valor ou sentido que foi identificado, mas que ainda não resultou ação imediata. É o momento em que o indivíduo se permite internalizar e viver de acordo com o valor que o afetou, sem forçar uma ação imediata, mas permitindo que o sentido identificado se manifeste naturalmente em sua vida.

Um sujeito diante da terminalidade da vida pode reconhecer o valor de melhorar suas relações familiares; mas, antes, ele precisa passar por uma fase de entrega, na qual aceita essa decisão internamente, permitindo que o valor influencie suas ações de maneira genuína e tranquila. A entrega é, portanto, a fase de aceitação profunda, que precede a ação, e ao mesmo tempo prepara o terreno para que ela aconteça de forma autêntica e significativa. Nas palavras de Aquino (2015), a vida só adquire significado quando o ser humano responde ao sofrimento e desenvolve as capacidades de autotranscendência que possui.

Em contextos de vulnerabilidade, quando o fim da vida pode evocar sentimento de impotência, Frankl (2010) expôs a importância dos hobbies, e como eles influenciam o bem-estar. Por isso, é importante avaliar a possibilidade da prática de algum hobby que seja gratificante. Ainda, destacou a importância do humor como uma ferramenta essencial

para a preservação emocional (Frankl, 2008). O humor seria capaz de criar uma distância momentânea entre a pessoa e a situação difícil, permitindo que ela lide com o sofrimento, mesmo que instantaneamente. Fabry (1990) complementa que a busca por sentido é um trabalho sério, mas que pode ser largamente facilitado pelo humor.

Uma das ferramentas mais utilizadas pelos logoterapeutas é o diálogo socrático, como descrito por Aquino (2013), composto pela refutação e pela maiêutica. Essa técnica envolve questionamentos profundos para estimular a reflexão. Aquino (2013) explicitou que tal técnica previne o terapeuta da diretividade, ajudando a pessoa a desvelar o dever-ser que ele mesmo conhece através de sua consciência intuitiva, mas que ignora. Para Sócrates, como explicado por Fabry (1990), seu papel não era simplesmente transmitir informações, mas despertar o conhecimento que já existia instintivamente na pessoa – o logoterapeuta tem essa mesma função. Nas palavras de Aquino (2013), a atitude do logoterapeuta deve ser parecida com a de Sócrates, semelhante à de um parteiro, que ajuda dar à luz o sentido, fazendo a pergunta correta.

Outra técnica que pode ser trabalhada com quem se aproxima do fim da vida é a derreflexão, cuja função, segundo Frankl (2016), é mobilizar a capacidade da autotranscendência no contexto do tratamento da neurose psicogênica. Essa técnica pode ser utilizada para ajudar o indivíduo a redirecionar seu foco de atenção, especialmente quando está excessivamente centrado em seu sofrimento, medo da morte ou angústias existenciais. O objetivo é mobilizar a capacidade de autotranscendência.

Em suma, Frankl apresenta uma abordagem que pode ser aplicada de forma promissora no contexto dos cuidados frente à morte, destacando suas implicações clínicas e apontando direções futuras para a pesquisa. Destaca-se que é fundamental que as práticas logoterapêuticas respeitem a autonomia e a dignidade do ser humano, apoiando suas escolhas em relação às decisões finais.

Considerações finais

O presente trabalho desenvolveu-se a partir de uma revisão de literatura que evidencia a Logoterapia como abordagem profundamente humanizadora nos cuidados voltados ao fim da vida, alicerçada na busca por sentido e propósito mesmo diante do sofrimento final. A consciência da finitude pode favorecer uma ressignificação existencial, permitindo à pessoa, ao se deparar com a realidade da morte, elaborar uma nova perspectiva sobre a própria existência.

Por meio de intervenções que contemplam a identificação de fontes de sentido, o fortalecimento dos vínculos relacionais e a abertura para diálogos sobre a morte e o legado, a Logoterapia contribui para uma significativa melhoria da qualidade de vida na terminalidade. Ao promover uma compreensão mais ampla e profunda do morrer, essa abordagem convida o sujeito a tornar-se protagonista de sua jornada final, oferecendo suporte emocional que respeita a singularidade de cada existência e promove uma travessia digna e consciente.

A terapia desenvolvida por Viktor Frankl configura-se, assim, como recurso essencial para auxiliar o ser humano a encontrar sentido mesmo nas circunstâncias mais adversas, cultivando resiliência, motivação e bem-estar psíquico. A continuidade das pesquisas e da aplicação da Logoterapia aponta para um caminho promissor na promoção da saúde integral e no cuidado de qualidade aos que se aproximam do fim, sublinhando a relevância de práticas terapêuticas personalizadas, sensíveis e eficazes.

Nesse horizonte, a metáfora do “café com a morte” surge como um convite existencial: não apenas para aceitar a inevitabilidade do fim, mas para encará-lo como uma potência transformadora, capaz de conferir clareza e densidade à vida. Ao reconhecer a morte como parte constitutiva da existência, é possível criar uma vida marcada por conexões autênticas e experiências dotadas de significado. Essa atitude não apenas enriquece a jornada, mas prepara o indivíduo para enfrentá-la com dignidade e sentido.

Convém lembrar, como afirma Frankl (2019a), que nada do que aconteceu pode ser desfeito, nada do que foi criado pode ser exterminado – no passado, nada está irremediavelmente perdido, pois tudo está absolutamente preservado. Em consonância, Scott (2000) nos recorda que tudo o que se faz em vida ecoa na eternidade.

A morte, portanto, não se dobra ao medo nem à coragem. Como bem pondera Arantes (2016): a morte deve ser respeitada, pois é o respeito, e não a negação, o medo ou o heroísmo, que possibilita equilíbrio e harmonia nas escolhas. Assim, ao final desse simbólico “café com a morte”, propõe-se um brinde: à morte, que, ao revelar o limite, confere profundidade e beleza à jornada da vida humana, reconhecendo que cada etapa, inclusive a última, pode ser repleta de sentido, valendo a pena ser vivenciada, até o fim do verão.

Referências

- Aquino, L. G. F. (2015). *Sentido de Vida e Finitude em Pacientes com Doenças Terminais*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba]. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/8487>
- Aquino, T. A. A. (2013). *Logoterapia e Análise Existencial*. São Paulo. Paulus.
- Aquino, T. A. A., & Chaves, A. K. D. L. (2021). *Narrativas de vida de estudantes universitários: uma análise do sentido existencial por meio da autobiografia*. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 27(3), 252-266. Disponível em: <https://doi.org/10.18065/2021v27n3.1>
- Arantes, A. C. Q. (2016). *A morte é um dia que vale a pena viver, e um excelente motivo para se buscar um novo olhar para a vida*. (1ªed.). Rio de Janeiro. Casa da Palavra.
- Clemente, E., & Kruger, R. R. (2016). *Viktor Emil Frankl e a Logoterapia: sua história, conceitos e aplicações*. *Revista Acadêmica Online*, 24(2), 209-244. Disponível em: https://www.academia.edu/87569217/Viktor_Frankl_e_a_Logoterapia
- Costa, I. I., & Silva, E. A. (2010). *O profissional de referência em Saúde Mental: das responsabilizações ao sofrimento psíquico*. São Paulo. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. 13(4), 635-647. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v1i2.11003>
- Costa, I. I., Ramos, T. T. C. (2018). *Primeiras crises psíquicas graves: O que a Fenomenologia pode dizer*. *Estudos Contemporâneos da subjetividade*, 8(2), 251-264. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2837>
- Costa, I. I. (2024). *Reflexões sobre as dimensões fenomenológicas do sofrimento humano*. Brasília. No prelo.
- Cruz, A. P., Gonçalves, M., & Travassos, L. M. M. (2023). *Logoterapia: uma abordagem psicoterapêutica e suas potencialidades*. São Paulo. Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 1(2), 367-376. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v1i2.11003>
- Dittrich, L. F., & Oliveira, M. F. L. (2019). *Dimensão noética: as contribuições da logoterapia para a compreensão do ser humano*. Santa Catarina. *Revista Brasileira de Tecnologias Sociais*, 6(2), 143-160. Disponível em: <https://doi.org/10.14210/rbts.v6n2.p143-160>
- Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro. Zahar. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/sss.v14i1.8638905>
- Fabry, J. (1990). *Aplicações práticas da Logoterapia*. São Paulo. ECE.
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca do sentido - Um Psicólogo no campo de concentração*. (35ªed.). Rio de Janeiro. Vozes.

- Frankl, V. E. (2010). *O que não está escrito nos meus livros*. (1ªed.). São Paulo. É Realizações.
- Frankl, V. E. (2015). *O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar a razão de viver*. São Paulo. É Realizações.
- Frankl, V. E. (2016). *Teoria e terapia das neuroses: Introdução à Logoterapia e Análise Existencial*. São Paulo. É Realizações.
- Frankl, V. E. (2019a). *O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia*. (1ª ed.). São Paulo. É Realizações.
- Frankl, V. E. (2019b). *Psicoterapia e sentido da vida*. (7ª ed.). São Paulo. Quadrante.
- Frankl, V. E. (2021). *A Vontade de Sentido, fundamentos e aplicações da Logoterapia*. São Paulo. Paulus.
- Frankl, V. E. (2022). *Sobre o sentido da vida*. (56ªed.). Rio de Janeiro. Vozes.
- Frankl, V. E. (2023). *A presença ignorada de Deus*. (25ªed.). Rio de Janeiro. Vozes.
- Goto, T. A., Holanda, A. F., & Orengo, F. V. (2020). "Psicologia Fenomenológica" de Husserl - a (In)compreensão de Psicólogos Brasileiros: Um Estudo Empírico. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 20(n.spe), 1066-1087. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2020.56651>
- José, P. C. (2019). *O testamento vital: direitos do paciente e os cuidados paliativos*. *Fronteiras Interdisciplinares do Direito*, 1(1), 138-151. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/3333.2019v1i1a8>
- Junger, A. M. (2021). *Logoterapia e espiritualidade: recursos noéticos para o discernimento vocacional em adolescentes jovens*. Curitiba. *Revista Científica Multidisciplinar*, 1(1), e25429. Disponível em: <https://doi.org/10.47820/recima21.v1i1.429>
- Koenig, A. M., & Teixeira, L. A. S. (2022). *Reflexões sobre a morte e o morrer*. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, e3157. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN242031571>
- Kovács, M. J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo. Casa do Psicólogo.
- Kovács, M. J. (2014). *A caminho da morte com dignidade no século XXI*. *Revista Bioética*, 22(1), 94-104. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/886
- Kroeff, P. (2014). *Logoterapia e Existência: A importância do sentido da vida*. Porto Alegre: Evangraf.
- Kubler-Ross, E. (1969). *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo. Martins Fontes. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900033>
- Leoncio, A. (2021). *Logoterapia e autotranscendência: cenários que permitem o protagonismo frente à própria existência*. Belém. NUFEN: Phenomenology and

- Interdisciplinarity. 13(3), 23-34. Disponível em:
<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v13n3/v13n3a04.pdf>
- Lukas, E. (1989). *Logoterapia, a força desafiadora do espírito: Métodos da Logoterapia*. São Paulo. Edições Loyola.
- Mano, E. P. (2010). *O Sofrimento Psíquico Grave no Contexto da Religião Protestante Pentecostal e Neopentecostal: Repercussões da Religião na Formação das Crises do Tipo Psicótica*. [Dissertação de mestrado, em Psicologia Clínica e Cultura na Universidade de Brasília]. Disponível em:
http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/8403?locale=pt_BR
- Neto, V. B. L. (2013). *Existência e Sentido: A Logoterapia como uma genuína psicoterapia fenomenológico-existencial*. Ceará. Logos & Existência, 2(1), 2-15. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/15195>
- Pereira, I. S. (2013). *A ética do sentido da vida: Fundamentos filosóficos da logoterapia*. (1ªed.). São Paulo. Ideias Letras.
- Prado, M. S. (2021) *Logoart: meaning centered art therapy*. Finlândia: Pystynen.
- Rabuske, S. M. H., & Ratusznei, B. (2019). *Logoarte: A arte e o sentido*. Revista Acadêmica Online, 5(24). Retirado em 13 de Novembro de 2024. Disponível em:
<https://revista-academica-online.webnode.page/products/logoarte-a-arte-e-o-sentido/>
- Rodrigues, S. X. V. D. F. (2019). *Espiritualidade e religiosidade nos cuidados paliativos: um olhar da logoterapia e análise existencial*. [Tese de doutorado, em Psicologia Clínica na Universidade Católica de Pernambuco]. Disponível em:
<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1256>
- Santos, H. P. (2015). *A teoria da intencionalidade nas obras de Husserl e de Gurtwitsch: Entre fenomenologia transcendental e Psicologia da Gestalt*. [Dissertação de mestrado, em Psicologia Clínica na Universidade Estadual Paulista]. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/11449/139405>
- Scott, R. (Diretor). (2000). *Gladiador [Filme]*. Scottfilm. Disponível em Prime Video.
- Soares, A. & Wong, B. (n.d). *Mito da origem das estações*. Recuperado de
<http://www.olimpvs.net/index.php/mitologia/a-origem-das-estacoes/>
- Stanghellini, G. (2012). *Jaspers on "Primary" Delusions*. Baltimore. Philosophy, Psychiatry and Psychology, 19(2), 87-89. Disponível em:
<https://api.semanticscholar.org/CorpusID:1425825499>
- Tourinho, C. D. C. (2013). *A estrutura do noema e a dupla concepção do objeto intencional em Husserl*. Porto Alegre. Veritas, 58(3), 482-498. Disponível em:
<https://doi.org/10.15448/1984-6746.2013.3.10798>